

REVISITANDO A HISTÓRIA DO PET GEOGRAFIA UFU: Uma entrevista com a Profa. Dra. Vera Lúcia Salazar Pessoa.

PET Geografia

Revista OBSERVATORIUM: *Qual a sua relação com o Instituto de Geografia, sendo você uma professora voluntária na pós-graduação? E como você vê a evolução da Geografia nos 37 anos de sua existência na Instituição?*

Vera Lúcia: A relação com o Instituto de Geografia começou em 1976, quando me tornei professora da ex-Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia. Eu havia me graduado em 1974 na referida Faculdade (fui aluna da primeira turma) e dois anos depois fui contratada para substituir o prof. Walter Casseti que havia se transferido para a UFG. Naquele momento, ministrei as disciplinas de Geomorfologia e Climatologia, pois não havia escolha. Começava, assim, minha trajetória acadêmica no terceiro grau, ou seja, no Departamento de Estudos Sociais (até aquele momento, eu era professora do ensino fundamental e médio na rede pública de Uberlândia). Nesse período, iniciava-se o processo de federalização da Universidade. Era o ano de 1978. Mudanças significativas aconteceram, dentre elas as mais marcantes para mim: em 1984, a extinção do Departamento de Estudos Sociais, em que reuniam os professores de História, Geografia e Ciências Sociais, e a criação do Departamento de Geografia e da AGB-seção Uberlândia. Esta última foi de fundamental importância para nosso crescimento intelectual, pois tivemos a oportunidade de conviver com grandes nomes da Geografia brasileira, dentre eles, o prof. Orlando Valverde, que esteve aqui nas atividades promovidas pela Seção Local. Outros nomes importantes podemos ainda citar: Melhem Adas, Davi Márcio Santos Rodrigues, Milton Santos, Ruy Moreira, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Bernardo Mançano Fernandes, Antonio Thomaz Jr. Cabe destacar que o grande incentivador para a criação da Seção da AGB foi o prof. Melhem Adas, amigo desde 1971 quando iniciamos o curso de graduação em Geografia e que vinha fazer palestras em nossas atividades acadêmicas. Ele nos dizia que a AGB seria um espaço de importantes discussões sobre a Geografia. E foi isto que aconteceu. Outro grande amigo que nos incentivou também foi o prof. Davi Márcio Santos Rodrigues. Ao lado desses dois colaboradores, estava a profa. Suely Regina Del Grossi que, com seu entusiasmo, enquanto, nossa professora (1971-1974), fez a “sua escola”. Deixando os anos 1970/1980, passamos para os anos 1990, quando foi criado o curso de bacharelado em Geografia e já tínhamos

OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.1, n.1, p.216-220, jan. 2009. 216

professores com a titulação de especialistas, mestres e, em número menor, os doutores. Isso foi importante porque começávamos a orientar as monografias. A pesquisa ganhava espaço no curso de Geografia. As primeiras bolsas de Iniciação Científica surgiam. O PET também surgia...Era um “novo tempo”, se assim podemos chamar aquele momento. Em 1996, o “sonho” de criar o Curso de Pós-Graduação em Geografia se concretizava. Já tínhamos um quadro suficiente de professores doutores, exigidos pela CAPES. O projeto se consolidava. Eu fazia parte do grupo de professores indicados para elaborar o projeto de criação do Curso de Pós-Graduação. Nesse momento, aposentei-me por circunstâncias que não precisam ser alongadas. Era o período de governo de “FHC”! Mas, não me senti excluída. Fui para o quadro de professores voluntários e continuo até hoje. Os resultados com os orientandos têm sido positivos, tanto no mestrado, como no doutorado. Para finalizar, posso dizer que nestes 37 anos de envolvimento com a “Geografia da UFU”, o resultado é muito bom, expresso na contribuição científica que o Instituto tem dado para a sociedade, através de seu trabalho de ensino, extensão e pesquisa, com reflexos importantes em Uberlândia na formação de profissionais qualificados e que atuam nos órgãos públicos e privados.

RO: *O que motivou a desenvolver pesquisas na Geografia Agrária?*

VL: A motivação surgiu em 1976, quando fui fazer o curso de especialização em Geografia Humana na Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/Minas) no PREPES (Programa Regional de Especialização de Professores de Ensino Superior). Cursei a disciplina Geografia Agrária, ministrada pela profa. Lígia Celória Poltronieri (UNESP/Campus de Rio Claro). Ela nos incentivou a ir para Rio Claro. Quando retornei do curso de especialização, conversando com a profa. Suely Regina Del Grossi, ela disse que era para eu ir para Rio Claro, sim, e procurar por prof. Dr. Miguel César Sanchez. Ele trabalhava com Geografia Agrária e era conhecido da profa. Suely. “Cumpri” a sua determinação (no bom sentido!). Em 1978, fiz a seleção para ingressar no curso de Mestrado que começaria em março de 1979. Naquele momento, a escolha do orientador acontecia depois de um semestre de créditos cumpridos. Em agosto/1979 submeti à seleção nas vagas disponíveis e fui selecionada. Sob a orientação de prof. Miguel começava minha trajetória na Geografia Agrária. Concluí o mestrado em 1981 e em 1984 retornava para o doutorado, também em Geografia Agrária e com o mesmo orientador. A convivência na UNESP/Campus de Rio Claro foi uma etapa muito importante de minha carreira profissional, sobretudo com o “grupo da Geografia Agrária”: Dra. Lúcia

Helena de Oliveira Gerardi, Dr. Antônio Olívio Ceron, Dr. Sylvio Carlos Bray, além de meu orientador.

RO: *Em qual contexto se encontravam as idéias para instituir o PET (Programa Especial de Treinamento)?*

VL: Na Universidade já existia o PET/Biologia sob a tutoria da profa. Dra. Ana Maria Bonetti, dentre outros. Entretanto, o PET/Biologia era referência pelo trabalho que desenvolvia. Procurei me informar sobre o funcionamento do Programa e percebi que seria uma atividade importante para o Curso de Geografia. A idéia foi apresentada em reunião do Conselho de Departamento e os colegas apoiaram-na. Consegui uma cópia do Projeto do PET/Biologia e a partir dele comecei a esboçar o projeto do que poderia ser o PET/Geografia. Depois de elaborado, o Projeto foi aprovado em reunião do Conselho do Departamento de Geografia e, posteriormente, na Pro-Reitoria de Pós-Graduação para ser encaminhado à CAPES. Em agosto de 1994, o PET/Geografia começava a funcionar.

RO: *Quem foram os principais personagens para constituí-lo?*

VL: Os professores do Departamento de Geografia. Recebi a colaboração de todos para elaborar o projeto. Foi um projeto coletivo.

RO: *O que você achou da experiência de ser a primeira tutora do PET?*

VL: Excelente. Nos dois anos em que fui tutora do programa (1994/1996) aprendi a conviver com as diferenças individuais do grupo e torná-las única para não causar atritos. As atividades que tínhamos que elaborar para cumprir os objetivos: ensino, pesquisa e extensão eram sempre desafios a vencer. Cada etapa era momento de reflexão e isto permitia um “crescimento” do grupo. Os quatro petianos com os quais iniciamos o Programa foram: Luciano Zanetti Pessôa Candiotto (Dr. e prof. na UNIOESTE/Francisco Beltrão), Ronan Eustáquio Borges (Dr. e prof. UFV), Viviane Custódio Borges (doutoranda na UFG) e Washington Mendonça Moragas (Dr. e prof. na UFG/ campus de Jataí).

RO: *Quais foram as maiores dificuldades e desafios enfrentados pelo grupo?*

VL: As dificuldades iniciais estavam relacionadas à falta de experiência de trabalhar com um projeto dessa natureza. Mas, a colaboração tanto dos colegas do Departamento de Geografia, quanto a troca de informações com outros colegas tutores ajudaram a superar esta fase. E quando recebemos a primeira avaliação (foi muito boa) isto nos deixou mais seguros na condução do Programa. Dentre os desafios, eu destacaria dois: conduzir o PET sem ser visto como um “programa de elite” entre os demais alunos do curso de Geografia e ministrar um curso de extensão sobre Metodologia Científica. “emergencial” (eu sabia apenas para fazer meus trabalhos) para o grupo que apresentava dificuldades ao fazer os trabalhos acadêmicos e não havia professores disponíveis naquele momento. A partir dos “poucos conhecimentos” que tinha sobre o assunto, organizei um mini-curso e os quatro petianos (Viviane, Luciano, Ronan e Washington) foram “meu laboratório”! E agradeço a eles este desafio porque, a partir de 1996, passei a me dedicar a esta temática e só tenho alcançado resultados positivos. Quanto ao primeiro desafio, também consegui fazer com que os petianos fossem alunos com uma oportunidade a mais no curso, e não “diferentes” dos outros. E que todos aqueles que se inserissem no perfil de seleção poderiam fazer parte do grupo. Essa foi a tentativa.

RO: *Quais trabalhos eram desenvolvidos?*

VL: Além das atividades de ensino, realização de seminários para começar a desenvolver o espírito de pesquisa, viagens de estudo com o PET/Biologia e PET/Agronomia (Pantanal e Chapada dos Veadeiros), realização das monografias de conclusão de curso, criamos o Projeto de Extensão: “O PET/Geografia vai às escolas” que muito contribuiu para mostrar o que era o Curso de Geografia da UFU. O projeto foi feito tanto nas escolas públicas, quanto privadas. O resultado foi positivo, pois os alunos passavam a ter uma outra idéia do Curso e isto despertou interesse para cursar Geografia.

RO: *Quais as principais recordações do período que tutoriou o Programa?*

VL: A convivência e aprendizado com os petianos e colegas tutores de outros programas, as atividades realizadas (viagens, reuniões, projeto de extensão), o apoio recebido dos colegas para o crescimento do programa, o Encontro de PET’s/UFU, onde reunimos os Programas para discutir, avaliar e traçar metas. E, o mais importante, é ver que o Programa cumpriu o

objetivo principal: formar profissionais para o ingresso na carreira do ensino superior. Os quatro petianos com os quais trabalhei hoje são meus colegas!

RO: *Em sua opinião, quais foram os acréscimos oferecidos pela mudança do Programa Especial de Treinamento para o Programa de Ensino Tutorial?*

VL: Para mim, a mudança foi mais institucional: antes o PET era um Programa da CAPES. Hoje, faz parte do MEC. A filosofia em formar um profissional “mais completo” (ensino, pesquisa e extensão) continua, pois este é o objetivo maior. E acredito que a luta dos tutores deve ser essa. Assim, poderemos ver que vale (u) a pena o investimento na educação.